

Vozes populares e resistência: Propondo o conceito de *folkfeminismo* na América Latina

Kátia Bizan¹

Submetido em: 13/10/2025

Aceito em: 20/11/2025

RESUMO

O artigo propõe o conceito de *folkfeminismo* como categoria analítica para compreender práticas comunicacionais femininas nas culturas populares da América Latina. A partir de revisão bibliográfica crítica, o estudo articula a teoria da folkcomunicação com epistemologias decoloniais e feminismos comunitários para identificar como mulheres em contextos populares constroem narrativas, performances e espaços de resistência simbólica. Os principais achados indicam que essas práticas comunicacionais operam como formas de agência política não institucionalizada, expressam repertórios de saberes situados e contribuem para a reconfiguração de identidades e laços comunitários. Discute-se também a importância de mapear variações locais (classe, etnia, território) e de reconhecer a pluralidade de modos de resistência feminina no âmbito popular. O artigo conclui propondo direções metodológicas para pesquisas empíricas futuras e destacando implicações para os estudos de comunicação e de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

Folkfeminismo; folkcomunicação; resistência cultural; feminismos latino-americanos; epistemologias decoloniais

Popular Voices and Resistance: Proposing the Concept of Folkfeminism in Latin America

¹ Pós-doutoranda em Jornalismo pela ECA/USP. Doutora em Comunicação Social pela UMEP. Docente da área de Gestão e Negócios da UNICID. Integrante dos GPs ALTERJOR (ECA/USP) e Comunicação, Educação e Equidade (UEMG). Correio eletrônico: k.bizan@gmail.com

ABSTRACT

This article introduces the concept of *folkfeminism* as an analytical category to understand women's communicational practices within popular cultures in Latin America. Based on a critical literature review, it connects folk communication theory with decolonial and community feminist epistemologies to show how women in popular contexts produce narratives, performances and symbolic spaces of resistance. Key findings indicate that these communicational practices function as non-institutionalized forms of political agency, embody situated knowledges and reshape collective identities and community ties. The paper highlights local variations (class, ethnicity, territory) and argues for comparative empirical studies to deepen understanding. It concludes by offering methodological guidelines for future field research and discussing the implications of folkfeminism for communication and gender studies.

KEY-WORDS

Folkfeminism; folk communication; cultural resistance; Latin American feminisms; decolonial epistemologies

Voces populares y resistencia: propuesta del concepto de *folkfeminismo* en América Latina

RESUMEN

El artículo propone el concepto de *folkfeminismo* como categoría analítica para comprender las prácticas comunicacionales de las mujeres en las culturas populares de América Latina. A partir de una revisión bibliográfica crítica, el estudio articula la teoría de la folkcomunicación con epistemologías decoloniales y feminismos comunitarios, mostrando cómo las mujeres construyen narrativas, performances y espacios simbólicos de resistencia. Los hallazgos principales indican que estas prácticas actúan como formas de agencia política no institucionalizadas, incorporan saberes situados y contribuyen a la reconfiguración de identidades y vínculos comunitarios. Se subraya la necesidad de considerar variaciones locales (clase, etnicidad, territorio) y se proponen líneas metodológicas para investigaciones empíricas comparativas. El artículo concluye con reflexiones sobre las implicaciones teóricas para los estudios de comunicación y género.

PALABRAS-CLAVE

Folkfeminismo; folkcomunicación; resistencia cultural; feminismos latinoamericanos; epistemologías decoloniales

Introdução

A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo. É certo que o conhecimento comum tende a ser mistificado e mistificador, mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico. Essa dimensão aflora em algumas das características do conhecimento do senso comum. (SANTOS, 2004, p. 89)

Nas últimas décadas, as discussões sobre comunicação e cultura na América Latina têm se voltado cada vez mais para o reconhecimento das vozes populares como agentes de produção simbólica e resistência política. A *folkcomunicação*, formulada por Luiz Beltrão na década de 1960, consolidou-se como uma lente fundamental para compreender as expressões comunicacionais dos grupos marginalizados, revelando como tradições, oralidades e práticas locais podem desafiar o monopólio da mídia hegemônica. No entanto, embora a *folkcomunicação* tenha se afirmado como um campo sensível à diversidade cultural, suas formulações ainda pouco exploraram as dimensões de gênero presentes nas manifestações populares e nas estratégias comunicacionais das mulheres.

Paralelamente, o pensamento feminista latino-americano — especialmente em suas vertentes decoloniais e comunitárias — vem produzindo um conjunto robusto de reflexões sobre o lugar das mulheres nos processos de resistência cultural. Autoras como Rita Laura Segato, María Lugones e Yunderkys Espinosa-Miñoso têm questionado a colonialidade do poder que atravessa tanto as instituições quanto os discursos sobre o feminino, propondo epistemologias situadas e plurais. Essas perspectivas enfatizam que as lutas das mulheres latino-americanas não se limitam ao espaço institucional do feminismo, mas se manifestam nas práticas do cotidiano, nas linguagens simbólicas e nas formas populares de comunicação.

Diante desse cenário, este artigo propõe o conceito de *folkfeminismo* como uma contribuição teórica emergente para os estudos de comunicação e cultura. O termo busca nomear e analisar os modos pelos quais mulheres de contextos populares — camponesas, indígenas, quilombolas, periféricas, trabalhadoras informais — constroem práticas comunicacionais de resistência a partir de seus repertórios culturais, expressando uma consciência política e afetiva que, embora não se autodenomine feminista, compartilha

princípios de emancipação e solidariedade de gênero. Assim como a *folkcomunicação* foi definida por Beltrão (1980) como a “comunicação dos marginalizados”, o *folkfeminismo* propõe reconhecer e valorizar as formas pelas quais essas mulheres se comunicam e resistem, ampliando o entendimento sobre os processos simbólicos e políticos que emergem das margens.

A proposta do *folkfeminismo* parte, assim, da urgência de reconhecer a agência comunicacional das mulheres nas margens, não como receptoras passivas das mensagens de massa, mas como produtoras de narrativas próprias, que articulam saberes tradicionais e discursos contemporâneos de justiça e equidade. Tal perspectiva amplia a *folkcomunicação* ao incorporar a crítica feminista e decolonial, e, ao mesmo tempo, contribui para que os estudos de gênero considerem as formas comunicativas populares como espaços legítimos de produção de conhecimento e resistência.

Folkcomunicação e Vozes Populares

O líder de opinião tem essa capacidade: é um tradutor, que não somente sabe encontrar palavras como argumentos que sensibilizam as formas pré-lógicas que, segundo Levy Bruhl, Bastide, Malinowsky e outros sociólogos, antropólogos e psicólogos, caracterizam o pensamento e ditam a conduta desses grupos sociais. (BELTRÃO, 2004, p. 39).

A teoria da *folkcomunicação*, proposta por Luiz Beltrão na década de 1960, emergiu como uma das primeiras tentativas sistemáticas de reconhecer as práticas comunicacionais de grupos populares no Brasil. Inspirado pela observação empírica das manifestações culturais e religiosas das classes subalternas, Beltrão rompeu com a visão verticalizada da comunicação — aquela que parte do emissor hegemônico em direção a um receptor passivo — e evidenciou a existência de fluxos comunicacionais horizontais, enraizados na cultura popular. A *folkcomunicação*, portanto, nasce como uma epistemologia do cotidiano, que legitima a sabedoria dos povos e as mediações simbólicas que sustentam suas formas de resistência.

Nessa perspectiva, o folkcomunicador é entendido como o sujeito líder que atua na intermediação entre o universo popular e o massivo, reinterpretando mensagens, traduzindo linguagens e adaptando símbolos para o contexto local. Trata-se de um agente cultural que opera nos interstícios da hegemonia midiática, apropriando-se dos meios disponíveis para

criar narrativas próprias. Essa figura é central para compreender como os grupos populares produzem e circulam sentidos que escapam ao controle institucional da comunicação de massa.

Ao longo das últimas décadas, o campo da *folkcomunicação* expandiu-se, incorporando discussões sobre identidade, memória, religiosidade, política e mídia alternativa. Pesquisadores como José Marques de Melo, Beltrão e Peruzzo destacam que, mais do que um estudo sobre “formas tradicionais de comunicação”, a *folkcomunicação* constitui um campo de resistência simbólica, em que as práticas culturais funcionam como mecanismos de afirmação identitária frente à homogeneização cultural imposta pelos meios hegemônicos.

Contudo, observa-se que a teoria, apesar de seu caráter inclusivo e de sua sensibilidade às desigualdades sociais, permaneceu em grande parte cega às relações de gênero que permeiam as manifestações populares. A centralidade do “povo” como categoria analítica, frequentemente tratada de maneira homogênea, acabou por ocultar as vozes femininas, relegando-as ao papel de guardiãs da tradição, mas não de produtoras de discurso. Em muitas leituras clássicas, as mulheres aparecem como personagens folclóricas — mães, benzedadeiras, parteiras, contadoras de histórias —, mas raramente como sujeitos comunicantes com intencionalidade política.

A introdução do debate de gênero na *folkcomunicação*, portanto, não é apenas um exercício de atualização conceitual, mas uma necessidade epistemológica. Reconhecer as vozes femininas nas práticas comunicacionais populares significa revisitar o próprio conceito de povo, compreendendo-o como um espaço de disputas, negociações e diferenças. O feminino, nesse contexto, não é apenas uma categoria social, mas um campo de expressão cultural e política que contribui para redefinir as formas pelas quais a resistência se manifesta.

Como toda proposta inovadora, a *Folkcomunicação* de Luiz Beltrão encontrou alguns obstáculos para se legitimar. Ela encontrou dupla resistência. A dos folcloristas conservadores, que pretendiam defender a cultura popular das investidas midiáticas modernizante. E a dos comunicólogos radicais, que pretendiam fazer da cultura popular o cavalo de Tróia das suas batalhas políticas, em lugar de apreender nessas manifestações genuínas o limite da resistência possível de comunidades empobrecidas cuja meta é a superação da marginalidade social (MARQUES DE MELO, 2006, p. 25).

Assim, ao revisitar a *folkcomunicação* sob a lente dos estudos de gênero, abre-se caminho para o que aqui chamamos de *folkfeminismo* — uma proposta teórica que busca evidenciar a ação comunicativa das mulheres nas margens, revelando como, em suas narrativas, performances e rituais, se constroem resistências sutis e poderosas contra as estruturas de dominação patriarcal e colonial.

Feminismos Latino-Americanos e Epistemologias Comunitárias

A comunicação popular, alternativa e comunitária se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida, que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa. (Peruzzo, 2009, p. 49)

O feminismo latino-americano apresenta uma trajetória marcada pela resistência às desigualdades estruturais e à colonialidade do poder, oferecendo uma perspectiva distinta daquela predominante nos feminismos hegemônicos do Norte Global. Autoras como María Lugones, Rita Laura Segato, Yunderkys Espinosa-Miñoso e Silvia Rivera Cusicanqui enfatizam a necessidade de pensar o gênero de forma interseccional, articulando-o às dimensões de raça, classe, etnia e território. Esses estudos revelam que a experiência das mulheres na América Latina é atravessada por múltiplas opressões, tornando essencial uma abordagem que considere suas práticas sociais, culturais e comunicacionais como formas legítimas de resistência.

Os feminismos comunitários e decoloniais, em particular, enfatizam a produção coletiva de conhecimento e a importância da memória histórica e cultural. Ao valorizar saberes locais, práticas ancestrais e estratégias comunitárias de sobrevivência, esses feminismos propõem epistemologias situadas, em que o conhecimento emerge das vivências concretas das mulheres, muitas vezes em contextos de vulnerabilidade social ou marginalidade política. Como observa Miñoso (2020, p. 100), essas perspectivas “dotaram a América Latina de certa especificidade e exterioridade diante da razão moderna ocidental”, oferecendo alternativas à lógica universalista e eurocêntrica de produção de conhecimento.

Nesse sentido, o feminismo latino-americano não se limita a teorias acadêmicas, mas se materializa em práticas de cuidado, solidariedade e mediação social, mostrando que a resistência se constrói também na esfera cotidiana e popular.

As práticas femininas populares na América Latina materializam essas teorias de maneira concreta, em experiências enraizadas no cotidiano das comunidades. Nas feiras, nos terreiros, nas festas religiosas, nas associações de bairro e nos coletivos de mulheres, emergem narrativas e expressões comunicacionais que articulam memória, identidade e resistência. São mulheres que organizam redes de cuidado, produzem artesanatos com simbolismos ancestrais, cantam histórias de violência e superação, utilizam rádios comunitárias para denunciar injustiças e circulam saberes por meio da oralidade e da ritualidade. Esses modos de comunicar revelam um feminismo feito na prática — situado, comunitário e profundamente vinculado aos modos populares de existir — e demonstram que as mulheres latino-americanas criam, nos interstícios da vida cotidiana, verdadeiras estratégias de resistência simbólica e política.

Essas epistemologias comunitárias oferecem uma lente essencial para compreender as práticas comunicacionais femininas nas culturas populares. As mulheres em contextos rurais, periféricos ou indígenas frequentemente desenvolvem formas de expressão próprias, utilizando oralidade, música, rituais e mídias alternativas para compartilhar conhecimento, denunciar injustiças e fortalecer redes de apoio. Tais práticas se alinham aos princípios da *folkcomunicação*, mas revelam um caráter político de gênero, ao posicionar as mulheres como agentes ativos de produção de sentido e transformação social.

Ao combinar essas perspectivas, torna-se evidente a necessidade de um conceito que articule *folkcomunicação* e feminismo: o *folkfeminismo*. Este conceito propõe uma categoria analítica capaz de capturar a especificidade das práticas comunicacionais femininas no âmbito popular, reconhecendo tanto a criatividade quanto a agência política das mulheres que, apesar das desigualdades estruturais, criam espaços de resistência simbólica. O *folkfeminismo*, portanto, surge como uma ponte teórica entre os estudos de gênero e a comunicação popular, evidenciando como a luta contra o patriarcado e a colonialidade do poder se manifesta também nas práticas culturais e comunicacionais do cotidiano.

Folkfeminismo: Proposta Conceitual

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar. (Hall, 1999, p. 14)

A partir das discussões sobre *folkcomunicação* e feminismos latino-americanos, propõe-se o conceito de *folkfeminismo* como uma categoria analítica capaz de dar visibilidade às práticas comunicacionais femininas nas culturas populares da América Latina. O termo sugere a articulação entre duas dimensões centrais: a expressão cultural do cotidiano popular e a ação política de gênero, reconhecendo a agência das mulheres na produção de significados e na resistência às estruturas de opressão.

O *folkfeminismo* não se limita a identificar representações femininas em manifestações culturais, mas busca compreender como as mulheres constroem narrativas, performances e espaços comunicacionais próprios, que dialogam com o feminismo decolonial e comunitário, ainda que fora das instituições formais do movimento feminista. Trata-se de uma perspectiva que valoriza saberes situados, práticas locais e estratégias simbólicas de resistência, incluindo rituais, contações de histórias, músicas, festas populares, mídias alternativas e interações comunitárias.

Além disso, o *folkfeminismo* permite analisar como essas práticas resistem às imposições do patriarcado e da colonialidade do poder, oferecendo modos de agir e se expressar que desafiam hierarquias sociais e de gênero. Ao mesmo tempo, a perspectiva reconhece a diversidade de experiências femininas, considerando fatores como classe, etnia, território, geração e sexualidade. Isso garante uma abordagem interseccional, que evita a homogeneização das mulheres populares, dando visibilidade às especificidades e aos contextos nos quais se manifestam suas ações comunicacionais.

Em termos metodológicos, o *folkfeminismo* pode ser explorado a partir de análises bibliográficas, estudos de casos históricos e investigação de manifestações culturais documentadas, articulando literatura acadêmica e registros de práticas populares. A proposta deste artigo, portanto, é fundamentar teoricamente o termo, abrindo caminho para futuras

pesquisas empíricas que investiguem diretamente as vozes e práticas das mulheres nos territórios populares latino-americanos.

Ao propor o *folkfeminismo*, amplia-se o alcance da *folkcomunicação*, ao incorporar a dimensão de gênero e reforçar a relevância dos estudos feministas latino-americanos para compreender os processos comunicacionais de resistência. O conceito se apresenta, assim, como um instrumento teórico capaz de nomear, analisar e valorizar práticas culturais femininas que, embora muitas vezes invisibilizadas, constituem formas potentes de produção de conhecimento e transformação social. Nesse sentido, o *folkfeminismo* busca, como afirma Santos (2007, p. 40), “traduzir saberes em outros saberes, traduzir práticas e sujeitos de uns aos outros, é buscar inteligibilidade sem ‘canibalização’, sem homogeneização”, promovendo um diálogo entre epistemologias distintas e reafirmando a legitimidade dos saberes populares e subalternos.

Considerações finais

O presente artigo propôs o conceito de *folkfeminismo* como uma categoria analítica inovadora para os estudos de comunicação na América Latina, articulando *folkcomunicação* e feminismos latino-americanos. A partir da revisão bibliográfica, evidenciou-se que, embora a *folkcomunicação* valorize as práticas comunicacionais populares como formas de resistência, sua abordagem tradicional ainda negligencia as dimensões de gênero e a agência das mulheres. O *folkfeminismo* surge, portanto, como uma resposta teórica a essa lacuna, permitindo compreender como mulheres em contextos populares constroem narrativas, performances e práticas comunicacionais que desafiam estruturas de opressão e promovem resistência simbólica.

Ao integrar as epistemologias feministas decoloniais e comunitárias à análise da cultura popular, o *folkfeminismo* oferece uma lente interseccional, capaz de reconhecer diversidade de experiências e especificidades territoriais, sociais e étnicas. Além disso, o conceito enfatiza que a resistência feminina não se dá apenas em espaços institucionais, mas se manifesta nas práticas cotidianas, na oralidade, na música, nos rituais e nas mídias

alternativas, demonstrando que a comunicação popular pode ser simultaneamente cultural e política.

A proposta teórica aqui apresentada não apenas amplia o campo da *folkcomunicação*, como também contribui para os estudos de gênero, fornecendo um instrumento para analisar e valorizar as vozes femininas historicamente marginalizadas. Embora o artigo tenha se baseado em revisão bibliográfica, abre-se caminho para pesquisas futuras que investiguem empiricamente essas práticas, reforçando a importância do *folkfeminismo* como ferramenta para compreender a resistência, a criatividade e a agência das mulheres na América Latina.

Em suma, o *folkfeminismo* não é apenas um conceito acadêmico; é um convite para reconhecer, ouvir e valorizar as vozes populares femininas, destacando seu papel central na construção de narrativas de resistência, pertencimento e transformação social. As mulheres que integram essas práticas comunicacionais situam-se, muitas vezes, entre aqueles que, como descreve Beltrão (1980, p. 103), “constituem-se de indivíduos marginalizados por contestação à cultura e à organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia e/ou política contraposta a ideias e práticas generalizadas da comunidade”.

Assim, o *folkfeminismo* reconhece nessas expressões comunicacionais formas legítimas de contestação e reexistência, que confrontam a ordem simbólica dominante e propõem novos modos de ser e comunicar. Como afirma Castro (2020, p. 93), “o feminismo só irá transformar o mundo se estiver disposto a combater o sistema que produz as subalternidades e opressões”. Ao incorporar esse princípio, o *folkfeminismo* amplia a compreensão dos processos comunicacionais ao evidenciar o potencial transformador das práticas culturais populares. Dessa forma, contribui para que os estudos de comunicação se tornem mais sensíveis às relações de gênero e à diversidade cultural, reafirmando o papel da comunicação popular como espaço de criação, resistência e emancipação.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

CASTRO, Susana de. **Aposta Epistêmica: O Feminismo Descolonial de Yuderkys Espinosa Miñoso**. Revista Ideação, N. 42, Julho/Dezembro 2020. Disponível em <https://ojs3.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/download/5486/4756#:~:text=O%20feminismo%20s%C3%B3%20ir%C3%A1%20transformar,produz%20as%20subalternidades%20e%20opress%C3%B5es.&text=%2D%2D%2D%2D%2D%2D%2D,experi%C3%Aancia%20hist%C3%B3rica%20na%20Am%C3%A9rica%20Latina%E2%80%9D>. Acesso em 05 out. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MARQUES DE MELO, José. **De volta ao futuro: da Folkcomunicação à Folkmídia**. In: SCHMIDT, Cristina (Org.). Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

MIÑOSO, Yuderkys E. **Fazendo uma genealogia da experiência; o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina**. In: Hollanda, Heloisa Buarque (org.) Pensamento Feminista Hoje: perspectiva decolonial. Rio de Janeiro: Bazar, 2020.

PERUZZO, Cícilia M. K. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. ECO-Pós, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61. Disponível em https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/issue/view/128 acesso em 02 out. 2025.

SANTOS. Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as Ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS. Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Bedito. São Paulo: Boitempo, 2007.